



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 25/08/2017

BRASIL	2
Mercado ganadero firme.....	2
Cepea: escasa oferta recorta el diferencial de precio de San Pablo respecto de otras plazas.....	2
Exportaciones de carnes vacunas aumentarían 10 por ciento en 2017.....	2
Importadores europeos reclaman una reducción en los controles sobre embarques procedentes de Brasil.....	2
Brasil espera cerrar Acuerdo UE – Mercosur antes de fin de año.....	3
Proyectan 5 millones de cabezas en corrales.....	3
Amazonas alcanzaría estatus de libre de fiebre aftosa en 2018.....	4
Paraná proyecta suspender la vacunación contra la aftosa.....	4
Brasil estiman exportaciones anuales hacia Myanmar en 20 mil vacunos.....	5
URUGUAY	5
El novillo gordo pelea por conservar los US\$ 3 por kilo.....	5
Con baja oferta, demanda europea por enfriado “está lejos de ser un boom”.....	6
INAC viaja a Bruselas por cuota 481 Estados Unidos no ha avanzado en su queja.....	6
MGAP autorizó el registro y uso de productos veterinarios con Ethion.....	7
PARAGUAY	7
Organizan promoción de carnes bovinas en CHILE.....	7
TAIWÁN concretará compra de más carne.....	8
SENACSA niega ingreso de carne brasileña no apta.....	8
Hay casos de rabia bovina.....	9
UNIÓN EUROPEA	9
IRLANDA: reclaman medidas para sostener los precios de la hacienda bovina.....	9
ESTADOS UNIDOS	10
Firmes valores de los trimmings.....	10
Desafíos y oportunidades en el Mercado mundial de carnes bovinas.....	10
VARIOS	11
CHINA: demanda de carnes bovinas se abastece gracias a las importaciones.....	12
JAPON: importaciones récords llevaron a la aplicación de la cláusula de salvaguardia.....	12
COLOMBIA informó que finalizó con la aftosa.....	13
CHILE sigue perdiendo producción cárnica frente a la subida de las importaciones.....	13
NUEVA ZELANDA: informa casos de micoplasmosis bovina.....	13
CANADÁ: ligero incremento en el rodeo bovino.....	14
EMPRESARIAS	14
J&F cerró un acuerdo con una multa de R\$ 10 mil millones.....	14
McDonald’s anunció compras de carnes desde Amazonia.....	14
Frigoríficos brasileños con alto nivel de endeudamiento.....	15
Cargill invierte en la producción de carnes alternativas.....	15



BRASIL

Mercado ganadero firme

Sexta-feira, 25 de agosto de 2017 - Das trinta e duas praças pesquisadas pela Scot Consultoria ocorreram altas em quatorze e quedas em quatro na última quinta-feira (24/8).

A baixa oferta de bovinos terminados é o principal motivador da recuperação das cotações.

Em São Paulo, alta para os preços à vista. A arroba do macho terminado ficou cotada em R\$138,50, à vista, livre de Funrural, reajuste de 11,7% desde o início do mês.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, preços estáveis.

Com a alta para o boi gordo na última quinzena, a margem de comercialização dos frigoríficos recuou e voltou a patamares próximos da média histórica.

Cepea: escasa oferta recorta el diferencial de precio de San Pablo respecto de otras plazas

24/08/17 - por Equipe BeefPoint

A escassez de animais prontos para abate em São Paulo tem levado a indústria frigorífica do estado a buscar animais em regiões vizinhas, principalmente em Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Goiás.

Com isso, a diferença entre os preços paulistas e os de outros estados, que vem diminuindo desde julho, se estreitou ainda mais nas últimas semanas, refletindo também a redução dos impostos sobre o gado vindo de outros estados.

Na parcial de agosto (até o dia 22), a menor diferença de preços, de 0,4%, foi observada entre o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (SP) e a região noroeste do Paraná – em 2016, essa diferença era de 2,7%, e nos últimos dez anos, de 3,4%.

Nesse cenário, colaboradores de São Paulo consultados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) afirmam já ter planos de adiar a comercialização de animais prontos para o abate, à espera de preços maiores que os ofertados até o momento.

Fonte: Cepea, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Exportaciones de carnes vacunas aumentarían 10 por ciento en 2017

25/08/17 - por Equipe BeefPoint Comprometida no primeiro semestre em razão da Operação Carne Fraca, a exportação de carne bovina do Brasil ainda pode fechar 2017 com avanço de 10%, afirmou hoje o coordenador da área de pecuária da consultoria Agroconsult, Maurício Nogueira.

A expectativa do analista é que os embarques totalizem cerca de 1,5 milhão de toneladas de carne bovina.

Devido aos embargos temporários, a Agroconsult passou a avaliar que as exportações brasileiras no máximo ficariam estáveis em 2017. No entanto, o aumento dos embarques a partir de maio indica um crescimento das exportações de carne do Brasil.

Embora positivo, tendo em vista o impacto da Carne Fraca, o crescimento de 10% agora projetado pela Agroconsult ainda é inferior ao esperado no início do ano, quando a consultoria estimava um crescimento de 20% nas exportações brasileiras de carne bovina.

Segundo ele, a delação dos irmãos Batista e a Operação Carne Fraca reduziram o potencial de crescimento da produção brasileira de carne bovina neste ano. A projeção da consultoria para os abates de bovinos em 2017 foi cortada de 40,4 milhões de cabeças para 39,5 milhões de cabeças.

A estimativa da Agroconsult contempla abates com inspeção federal, estadual, municipal e também os abates informais (não fiscalizados), além do consumo de carne bovina de animais abatidos nas próprias fazendas.

Com isso, a consultoria também reduziu a estimativa para a produção de carne bovina neste ano, de 10,1 milhões de toneladas em equivalente carcaça para 9,4 milhões de toneladas. Ainda assim, trata-se de um aumento de 3% ante as 9,1 milhões de toneladas do último ano.

Na avaliação de Nogueira, a delação dos irmãos Batista teve mais impacto sobre a produção de carne bovina do país do que a Carne Fraca, cujos reflexos duraram menos tempo, se concentrando em abril. Além disso, os frigoríficos que estão sendo reabertos no país e que, em tese, podem ocupar parte do espaço da JBS levam algum tempo para entrarem em operação.

Importadores europeos reclaman una reducción en los controles sobre embarques procedentes de Brasil

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.25/08/17



Os importadores europeus de carne bovina cozida brasileira estão pedindo, na prática, para a União Europeia (UE) rever os controles sistemáticos ao produto, que aumentam os custos e retardam em até três semanas os carregamentos, e que foram aplicados como desdobramento da Operação Carne Fraca. A União Europeia do Comércio de Bovinos e de Carnes (conhecido pela sigla francesa UECBV), que reúne os importadores, enviou carta à Comissão Europeia, o braço executivo da UE, questionando a coerência científica dos controles rígidos sobre as carnes brasileiras que passaram por um tratamento térmico e são condicionadas em embalagem fechada como o “corned beef” e a carne bovina cozida congelada.

O questionamento visa principalmente os controles prévios na exportação, no Brasil, mas vale também para os exames laboratoriais de 20% desse tipo de carne que chega aos portos europeus. “A interrogação dos operadores é puramente científica e não constitui uma opinião sobre as recomendações da UE para o Brasil”, afirmou Jean-Luc Meriaux, secretário-geral da UECBV. “No entanto, é evidente que os controles sistemáticos prévios na exportação aumentam os custos e atrasos na expedição da carne brasileira para a Europa, pesando tanto sobre os exportadores como sobre os importadores”.

Conforme fontes técnicas, a própria UE sabe que não tem sentido o controle laboratorial de carne enlatada, por exemplo, porque não haveria hipótese de risco para a saúde.

A legislação europeia não abrange a carne enlatada para efeito de controle como o que está sendo feito sistematicamente contra o Brasil desde a Operação Carne Fraca. O problema é que o comissário de Saúde e Segurança de Alimentos da UE, Vytenis Andriukaitis, disse no Parlamento Europeu que toda a carne brasileira seria submetida a controle reforçado, o que acabou restringindo o espaço dos técnicos.

Na prática, o que os importadores querem é que seja revertida a exigência de 100% do controle prévio desse tipo de produto no Brasil e do controle de 20% do carregamento quando chega à Europa

A expectativa é de que a Comissão Europeia termine por atender positivamente o questionamento dos operadores, inclusive no contexto de concessões que o Brasil anunciou recentemente à entrada de produtos agrícolas europeus no mercado brasileiro.

Brasil espera cerrar Acuerdo UE – Mercosur antes de fin de año

22/08/17 - por Equipe BeefPoint O governo brasileiro aposta em um acordo favorável nas negociações entre Mercosul e União Europeia até o final do ano, mas, segundo uma fonte, as tratativas sobre acesso a mercados –ponto central do acordo– ainda nem começaram.

Dois pontos da oferta não foram apresentados pelos europeus e são centrais para o Mercosul: etanol e carne. Segundo a fonte, isso só deve acontecer depois das eleições na Alemanha, no final de setembro.

O acesso a mercado envolve tanto agricultura quanto indústria. Os europeus sempre tiveram mais dificuldade com o setor agrícola, com muitas políticas protecionistas regionais. Já o Mercosul tem mais dificuldade com o mercado de manufaturados, onde os europeus podem ser mais competitivos.

Apesar da dificuldade europeia em apresentar todas as suas cartas, o clima é outro para a negociação, explica o diplomata, especialmente desde a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos.

No Mercosul, a mudança de governo na Argentina colaborou para colocar os quatro países na mesma linha. Até o final do governo de Cristina Kirchner, o país era que mais colocava dificuldades em acertar uma proposta única e razoável para abrir as negociações.

Do outro lado do Atlântico, as mudanças no comando da UE apontavam para dificuldades nas negociações com a saída de José Manuel Durão Barroso, um defensor ardoroso do acordo, da presidência da Comissão Europeia. No entanto, a eleição de Trump, com sua visão protecionista, terminou por dar um empurrão para as negociações.

O presidente dos EUA deixou a o acordo com os países asiáticos e abandonou as tratativas para um acordo com a União Europeia.

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Proyectan 5 millones de cabezas en corrales

24 de agosto de 2017 - Projeção da consultoria para 2017 contempla animais terminados no cocho e em regime de semiconfinamento

Depois de um início de ano difícil e um primeiro giro apontado por muitos como frustrante, o confinamento deve fechar o ano com saldo positivo. Na projeção da Agroconsult, a expectativa é que o país tenha mais de 5 milhões de cabeças confinadas até o fim do ano.

O grande fator desse resultado é o baixo preço do milho, que desde o início do ano caiu 32%, além da recuperação de preços da arroba no mercado futuro. “Até junho o mercado futuro apontava para uma grande tragédia, mas o cenário mudou completamente desde então”, destacou o coordenador de pecuária da Agroconsult, Maurício Nogueira, durante apresentação dos resultados do Rally da Pecuária 2017, em São Paulo, SP.

O analista também fez questão de ressaltar que não é possível traçar percentuais de crescimento em relação ao ano anterior, uma vez que os números de 2016 ainda são imprecisos e estão sendo revisados.



Entre o público visitado pela expedição, a expectativa é que o confinamento cresça 5,2% neste ano, saltando das 442.186 cabeças terminadas em cocho no ano passado para os 465.375 deste ano.

Além dos confinamentos e boiteis tradicionais, a análise da consultoria também leva em conta o semiconfinamento, também conhecido por Terminação Intensiva a Pasto (TIP). As projeções entre os produtores alcançados pelo Rally apontam para 62.116 animais terminados nesse sistema neste ano, alta de 55% em relação aos 40.085 do ano passado.

“Cada vez mais temos a certeza de que o gado brasileiro será criado no pasto, mas terminado com grãos. Seria um desperdício não terminar os animais no cocho com o volume de produção das últimas safras”, afirmou o analista, que também fez uma ressalva: “Se o pecuarista estiver receoso de terminar seus animais em confinamento, os agricultores mergulharão de cabeça nessa atividade”.

Outros Resultados – A edição de 2017 do Rally da Pecuária percorreu 68.400 km dos principais Estados produtores do país entre os meses de maio e agosto, alcançando mais de 2.000 pecuaristas em visitas técnicas ou em eventos.

Uma das comprovações deste ano foi a redução de produtividade média das fazendas em função da redução do pacote tecnológico. Entre os pecuaristas visitados pelo Rally, a produtividade saiu de 10,6@ por hectare/ano em 2016 para as 8,9@/ha/a em 2017, queda de 18%.

“Infelizmente muitos produtores reduziram seu investimento durante a crise e isso afetará fortemente a sua produção. A queda de receita será bem maior do que os gastos que ele teria com tecnologia”, explicou Nogueira.

Outra constatação foi o aumento no peso médio dos animais estocados, que saltou de 9,8@/cabeça no ano passado para os 10,7/@ neste ano.

Com relação às pastagens, em 2017, dados do Rally apontam que houve aumento na qualidade em relação aos últimos cinco anos, em razão principalmente das condições climáticas, mantendo o índice de apenas 3% de áreas degradadas. Nogueira explica que o aporte ideal para manter o bom nível das pastagens gira em torno de R\$ 364/ha para áreas de ótima qualidade e até R\$ 3.043/ha para áreas degradadas.

Amazonas alcançaria estatus de livre de febre aftosa em 2018

21/08/17 - por Equipe BeefPoint O diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Guilherme Marques, disse que o estado Amazonas poderá ser reconhecido como área livre da febre aftosa com vacinação em maio do ano que vem, pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), e livre da doença sem vacinação em 2020.

O diretor e técnicos do Mapa visitaram unidades do serviço sanitário amazonense nesta semana (de 15 a 18) em diferentes municípios do estado.

Para viabilizar o reconhecimento, o Mapa elencou aspectos que precisam ser priorizados à Agência de Defesa Agropecuária e Florestal do Amazonas (Adaf) e a autoridades estaduais, como contratação de profissionais efetivos para a agência; reforma de 11 unidades veterinárias locais (UVLs) e construção de seis Escritórios de Atendimento à Comunidade (EACs).

Também deverá ser feita a aquisição ou redistribuição de veículos e canoas com motor para aparelhar as regiões de fronteira, do Médio Solimões e da área metropolitana.

O Mapa já investiu por meio de convênios mais de R\$ 25 milhões em ações de erradicação da aftosa no Amazonas, nos últimos anos. Só em 2017, foram repassados R\$ 3 milhões.

O diretor explica ainda que a Adaf foi estruturada, em 2016, e já vai executar as medidas de erradicação da doença de acordo com as normas do Programa Nacional de Erradicação à Aftosa (PNEFA), que prevê mudança da vacina e a retirada gradual da imunização dos rebanhos.

O Amazonas sai na frente dos demais estados e poderá ser um dos primeiros a retirar a vacinação contra a febre aftosa, a partir de 2020, caso seja aprovado o pleito brasileiro perante a OIE (Organização mundial de saúde Animal).

No programa de erradicação da doença, está previsto que a retirada total da vacinação será feita até 2023, começando pelo Norte do país, o chamado Bloco 2, que compreende Amazonas, Amapá, Pará e Rondônia.

Paraná projecta suspender la vacunación contra la aftosa

24/08/17 - por Equipe BeefPoint A Secretaria da Agricultura e Abastecimento e a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) solicitaram ao Ministério da Agricultura uma auditoria para atestar o estado como área livre de febre aftosa sem vacinação.

“Se tudo der certo, esperamos fazer a última campanha de vacinação contra febre aftosa em maio de 2018”, afirma o secretário da Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara.

Segundo ele, a reivindicação da medida é um consenso nas lideranças das cadeias produtivas de proteína animal no Paraná como bovinos, suínos, aves, leite e peixes. “Os líderes decidiram, em conjunto, suspender a campanha de vacinação no ano que vem”, complementou.



De acordo com Ortigara, ao tornar o estado área livre da doença sem vacinação, o objetivo é alcançar mercados mais disputados e valiosos, um desafio que provocará uma transformação no setor produtivo de proteínas animais no Paraná, diz ele.

Fonte: Globo Rural, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Brasil estiman exportaciones anuales hacia Myanmar en 20 mil vacunos

23/08/17 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) recebeu comunicado do governo de Myanmar sobre a abertura do seu mercado para bois vivos comprados do Brasil. A expectativa do setor produtivo é exportar até 20 mil cabeças por ano ao país asiático.

O acordo bilateral envolve a exportação de gado de elite, principalmente da raça zebuína, que será destinado à reprodução e ao melhoramento do rebanho de Myanmar, a fim de ampliar a produção de carne e leite.

A abertura daquele mercado ao gado vivo brasileiro é resultado da conclusão de negociação com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Irrigação de Myanmar. Em maio passado, o país do sul da Ásia começou a comprar material genético brasileiro (sêmen e embriões).

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

URUGUAY

El novillo gordo pelea por conservar los US\$ 3 por kilo

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 25, 2017 El mercado ganadero continúa trabado y con pocos negocios concretados; la industria muestra poco interés de compra y los valores no son atractivos para los productores

Los negocios para novillos de punta tienen un máximo de US\$ 3,05 por kilo carcasa, "pero US\$ 3 dólares por kilo es la referencia". Pasó, como el año pasado, una posafra muy corta y que complica a los internadores ante la escasez de la oferta.

Entre US\$ 2,90 y US\$ 2,95 por kilo se concretan los negocios para vacas y cerca de los US\$ 3 por las vaquillonas.

Dada la trayectoria de precios y lo dispar de la demanda la interrogante es cómo evolucionará la faena, muy alta para la época en la semana pasada. Otros factores que pueden incidir en el mercado son las abundantes lluvias que pueden complicar embarques, la salida de las cuadrillas Kosher que culminaría en la primera semana de setiembre y sería un dato bajista y la marcha de los precios del ganado de reposición que tienen una demanda firme para el campo y la exportación en pie.

La planilla de Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) promedió para la categoría novillos especiales US\$ 3,14 por kilo carcasa para la semana cerrada al 19 de agosto, un centavo menos respecto una semana atrás y el menor valor desde la semana cerrada al 20 de junio de este año (US\$ 3,06 por kilo). Un año atrás el valor de ACG para esta categoría se ubicaba en US\$ 3,10 por kilo. La baja debe continuar en la grilla que se publique el próximo lunes.

Hay algo más de demanda por vacas y tiene una cierta incidencia en el mercado la importación de carne de Brasil y Paraguay.

La planilla de ACG ajustó un centavo hacia abajo para las vacas pesadas con un promedio de US\$ 2,92 por kilo, el menor valor desde la semana cerrada al 8 de julio de este año (US\$ 2,87). Sin embargo, se ubicó 11 centavos por encima a los US\$ 2,81 de un año atrás.

Carne vacuna superó US\$ 3.500 por tonelada en la exportación

Lo trabado del mercado del gordo contrastó con el buen precio en la exportación de la semana cerrada al 19 de agosto, que fue de US\$ 3.577 por tonelada. Significó 10% más que los US\$ 3.246 de la semana previa y el promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 3.445 por tonelada.

Las exportaciones de carne ovina presentaron un retroceso en su precio después del máximo del año de una semana atrás. El precio promedio de exportación fue US\$ 4.184 por tonelada. Estuvo 23% por debajo de los US\$ 5.449 de una semana atrás. El valor de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 4.232 por tonelada.

Faena supera 40.000 cabezas

La semana cerrada al 19 de agosto totalizó 42.551 animales faenados, algo que llamó la atención dada la retracción de la oferta de ganado de pasturas.

El aumento de la faena respecto a la semana anterior fue de un 5%, aunque la actividad se ubicó 2% por debajo de las 43.618 de un año atrás.

La pasada semana los novillos faenados sumaron 22.563, 9% superior a las 20.726 reses de la semana previa, pero 2% por debajo respecto al año pasado.

La faena de novillos concentró 53% del total, con las vacas representando el 45,5%.



Las vacas totalizaron 19.341 vientres enviados a planta, 325 animales más que la semana anterior; se ubicó 3% por debajo de un año atrás.

Finalmente, las lluvias y las pasturas están del lado del productor, pero por ahora la industria mantiene la presión a la baja en los precios que extiende y la salida de las cuadrillas israelíes le dan más espacio a la industria para ajustar sus costos.

Como suele ocurrir en cada invierno, hay importantes pulseadas en el mercado de haciendas para faena. Ante la escasa oferta, los productores que tienen ganados gordos se posicionan firme exigiendo mayores precios, mientras que la industria frigorífica, para atender la demanda de sus clientes del mercado interno y del exterior, deben hacer un esfuerzo y pagar mayores precios para acceder a la materia prima.

La industria frigorífica señala que no son sostenibles los actuales niveles de precios. Afirman que desde enero de 2015 la tonelada de carne bovina de exportación no cotiza a US\$ 4.000 –su valor se ha ubicado entre US\$ 3.200 y US\$ 3.600– y que los actuales precios de las haciendas sólo son sostenibles con las cifras que había antes de 2015 en el mercado internacional.

Una fuente industrial consultada por El Observador, que prefirió no ser nombrada, indicó que la única alternativa que se vislumbra en el futuro para volver a un precio promedio de US\$ 4.000 por la tonelada de carne vacuna de exportación, y en consecuencia pagar US\$ 3,20 por kilo de novillo a la carne, es que se pueda exportar a Japón. La apertura de ese mercado asiático es el último gran objetivo que tiene el negocio de la carne uruguaya, por ser de alto valor.

Desde la industria se señala que si eso no ocurre, el precio del novillo gordo no debería superar los US\$ 3,00 por kilo a la carne, y la vaca los US\$ 2,70, porque los costos han aumentado de forma brutal en los últimos años.

El problema del aumento de costos no es exclusivo del sector industrial, y también los sufre de sobremanera la producción. Eso también se percibe en el mercado, con productores que, en su mayoría, este año no especularon con el mercado, y cuando tuvieron ganado pronto debieron venderlo de la forma más ágil posible para hacer caja y pagar sus compromisos.

Los consignatarios de ganado comentaron tras su reunión semanal del lunes 21 que un gran porcentaje de la faena de la última semana fue de animales de corral, algo que también suele ocurrir en este momento del año.

Se siguen realizando faenas kosher, aunque con una intensa negociación, ya que esos clientes amenazan permanentemente con retirarse del mercado si no bajan los precios. Los compradores judíos saben que hay varias plantas que sin su demanda deberán cerrar, porque no soportan los altos costos, y utilizan ese factor para negociar. Está previsto que las últimas faenas con ese ritual se hagan el viernes 8 de setiembre.

Con baja oferta, demanda europea por enfriado “está lejos de ser un boom”

21/08/2017 - Los negocios desde Uruguay se continúan haciendo entre US\$ 12.500 hasta US\$ 12.700 FOB.

Faxcarne | El mercado europeo operaba esta semana sin grandes sobresaltos. Con una oferta relativamente baja de enfriado y una demanda que está lejos de ser un boom, la tónica en cuanto a los valores de venta tiende a la estabilidad.

Un aliado para apuntalar los negocios ha sido la cotización del euro. Si bien estaba perdiendo algo de terreno frente al dólar (-0,4%) aún se sostiene por encima de 1,17 unidades. Un industrial de Paraguay manejó referencias de US\$ 11.500 FOB para los embarques Hilton.

Desde Argentina la exportación manejaba esta semana cotizaciones de US\$ 13.800-14.400 por el rump & loin, un rango bastante más amplio que lo usual.

Los negocios desde Uruguay se continúan haciendo en un rango de US\$ 12.500 hasta US\$ 12.700 FOB. “Si ofreces mucho volumen, el precio se puede pinchar”, graficó un exportador.

En tanto, desde Brasil aseguraron que se aprecia un mercado “muy firme” para el congelado con negocios para la nalga Italia a US\$ 6.700-6.750 FOB y peceto a US\$ 5.200. En el caso de los lomos, la fuente indicó que se obtiene un mejor precio por el congelado que por enfriado.

De hecho el enfriado está muy flojo con poca demanda, los bifes cotizan a US\$ 6.500-6.600 y lomos de US\$ 14.500-15.500, valores que la industria brasileña considera bajos.

“Acá el mercado interno reaccionó bastante en las últimas semanas. Por los lomos se buscan mínimos de US\$ 14.800-15.800 y US\$ 6.800 por los bifes”, comentó.

INAC viaja a Bruselas por cuota 481 Estados Unidos no ha avanzado en su queja.

23/08/2017 La próxima semana una delegación encabezada por el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, viajará a Bruselas, capital de Bélgica, para informarse sobre el proceso de negociaciones que definirá el futuro de la cuota 481.



La cuota 481 es un cupo de carne de alta calidad que surgió en base a un acuerdo entre Estados Unidos y la Unión Europea como recompensa a la prohibición europea al ingreso de carne norteamericana tratada con hormonas. Posteriormente se permitió el acceso a otros proveedores, entre ellos Uruguay.

En los últimos meses los productores de Estados Unidos se han manifestado porque Uruguay y Australia están ocupando más del 60% del contingente global de 43.000 toneladas y generó la apertura de una audiencia pública y fuertes presiones para poder aprovechar más este cupo que les pertenece.

La delegación que viajará a Europa también está integrada por Manuel Lussich, en representación de la Asociación Rural del Uruguay (ARU) en la Junta de INAC, y Guillermo Pigurina por la Asociación de la Industria Frigorífica.

El motivo principal del viaje es “levantar la incertidumbre” que engloba a la cuota 481, aseguró Manuel Lussich. Explicó que “hasta el momento no ha pasado nada con el cupo” porque Estados Unidos “no ha avanzado en su queja dado que no la presentó”.

El productor dijo que la mayor preocupación es que “el tema está sobrevolando permanentemente y hace que toda la cadena se tranque, que la facilidad del negocio y los precios no sean los mismos”. Reiteró que “todo esto es por la incertidumbre que se generó hace un tiempo”.

En cuanto al futuro de los mercados internacionales para las carnes uruguayas, el jueves 7 de septiembre en Expo Prado se llevará adelante una charla sobre este y otros mercados destacados para nuestro producto. Manuel Lussich será uno de los tres disertantes, y comentará algunos aspectos claves del viaje a Bruselas.

También expondrán el canciller de la República, Rodolfo Nin Novoa; y el gerente ejecutivo de frigorífico BPU (NH Foods).

MGAP autorizó el registro y uso de productos veterinarios con Ethion

Agosto 24, 2017 Se fijó en 130 días el tiempo de espera para el envío a faena de los animales tratados con dichos productos.

El tiempo de espera deberá figurar en el prospecto y etiquetado del producto en forma destacada.

El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) emitió una resolución autorizando el registro y uso de productos veterinarios que contengan Ethion en su formulación, únicamente como garrapaticidas en forma de aspersión e inmersión.

Además, se fijó en 130 días el tiempo de espera para el envío a faena de los animales tratados con dichos productos.

El tiempo de espera deberá figurar en el prospecto y etiquetado del producto, en forma destacada, se indicó.

También se estableció que los registros de productos veterinarios que contengan Ethion en su formulación, para uso como mosquicidas, curabicheras; sarnicidas; piojicidas; para uso medioambiental, y garrapaticidas pour on, únicamente se autorizarán con destino exclusivo a la exportación.

A la vez, las empresas registrantes deberán gestionar la renovación de los registros respectivos ante el Departamento de Control de Productos Veterinarios de la División Laboratorios Veterinarios Miguel C. Rubino, de acuerdo a lo dispuesto por la mencionada resolución del MGAP.

Otro aspecto considerado en la resolución es que los productos garrapaticidas autorizados sólo podrán ser adquiridos para uso en el marco de un Plan de saneamiento suscrito por un veterinario de libre ejercicio acreditado y aprobado por el servicio oficial.

En ese marco, a solicitud del interesado, el servicio oficial expedirá una constancia de autorización para la adquisición del producto garrapaticida, para ser presentada en la empresa expendedora.

Se indica, entre otras consideraciones, que el incumplimiento de lo establecido en la resolución aparejará la aplicación de sanciones ya previstas.

PARAGUAY

Organizan promoción de carnes bovinas en CHILE

23 de Agosto de 2017 En lo que va de este año ya se faenaron 1.243.000 cabezas de ganado bovino y esperan llegar a las dos millones de cabezas, dijo ayer el titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, en conferencia de prensa realizada en el local del referido gremio.

Señaló que en la actualidad la carne paraguaya compite con la uruguaya, la argentina, australiana, americana y la de Nueva Zelanda. También se refirió al mercado de China Taiwán, que compra anualmente 100 mil toneladas de carne y abogó porque Paraguay ocupe un 10% de ese mercado.

En cuanto a otros mercados en la mira, mencionó Hong Kong, que sería inminente, y otro objetivo es el mercado de Estados Unidos Pettengill, acompañado de César Ros, director financiero, y Delia Bergen, comisión de marketing, informó de la degustación de carne paraguaya que ofrecerá la Cámara Paraguaya de Carnes en un encuentro con autoridades de Chile y Paraguay y unos 80 importadores chilenos. Será el 30 de agosto, a las 19:30 en el San Cristóbal Tower Luxury Hotel, en Santiago de Chile.



A ese evento asistirán también el ministro de Industria y Comercio, Gustavo Leite; el titular de Senacsa, Hugo Idoyaga; el director de Calidad Animal, Arnaldo Bavera y la embajadora paraguaya, Nimia Oviedo.

TAIWÁN concretará compra de más carne

19 de Agosto de 2017 PILAR (Clide Noemí Martínez, corresponsal). El embajador de República China Taiwán en Paraguay, Alexander Yui, anunció que una delegación de empresarios de su país arribará al Paraguay el próximo lunes para concretar la adquisición de mayores volúmenes de productos cárnicos. El diplomático, quien llegó a la capital departamental acompañado del diputado Pedro Alliana y el ministro de Emergencia, Joaquín Roa, expresó el gran interés de la clase empresarial taiwanesa de seguir avanzando en la integración comercial con el Paraguay.

Igualmente, participó de la entrega de kits de alimentos a familias damnificadas por las grandes lluvias y el desborde de esteros en el área rural del Ñeembucú. También fue distinguido como hijo dilecto de la ciudad de Pilar por parte de autoridades municipales, en el marco de la asistencia social que realiza Taiwán al Paraguay.

El embajador expresó: “Para mí es un gran honor estar hoy en el Ñeembucú y celebrar 60 años de amistad, de cooperación muy fructífera”. Resaltó que la potencialidad que tiene Paraguay es inmensa y debe ser aprovechada. Aseguró que, además de incrementar el cupo de la carne, también aumentará la cantidad de becas, para que más jóvenes de nuestro país tengan posibilidades de usufructuar de este beneficio para la formación en Taiwán.

Las autoridades presentes agradecieron la permanente cooperación de los asiáticos, que también se había materializado con la donación de alimentos como el arroz, para su distribución a los damnificados

Llega delegación de Taiwán

20 de Agosto de 2017 La Embajada de la República de China (Taiwán) anunció ayer, a través de un comunicado, la llegada de una misión empresarial, integrada por cuatro de los mayores importadores taiwaneses de carne bovina y otras variedades de carne. Esas compañías son: Shuh Sen Co., Mayfull Foods Corporation, Haur Yang Enterprise, y Eagle Cold Storage Enterprise. La delegación permanecerá en el Paraguay a partir de mañana, lunes 21, al jueves 24 siguiente.

Se espera que, a través de los contactos con los empresarios y frigoríficos en el Paraguay, las empresas puedan ampliar sus importaciones a Taiwán y explorar otros productos paraguayos con potencial de venta en el mercado asiático.

“Cabe destacar que esta visita contribuirá a aumentar aún más los lazos comerciales, como resultado de la firma del Acuerdo de Cooperación Económica (ECA por sus siglas en inglés) entre la República de China (Taiwán) y la República del Paraguay del 12 de julio de 2017”, señala la nota.

Ese acuerdo hace referencia a un listado de 54 tipos de productos industrializados, de origen local, que pueden ingresar a Taiwán con cero arancel. De acuerdo con los datos oficiales sobre comercio internacional, el país asiático importa por valor de US\$ 1.780 millones del resto del mundo en productos, mientras que de Paraguay solamente compró por US\$ 16 millones en 2016. La idea es que, tras la firma del acuerdo, la balanza comercial se incline favorablemente a nuestro país.

Además de carne y afines, Taiwán demanda de nuestro país harina de mandioca y rubros que tienen que ver con la agricultura familiar, jugos de fruta, también madera reforestada, entre otros.

Según las expectativas del Gobierno de Horacio Cartes, con el acuerdo de referencia se facilita la posibilidad de más inversiones del país asiático en Paraguay.

SENACSA niega ingreso de carne brasileña no apta

25 DE AGOSTO DE 2017 | El titular del Senacsa, Hugo Idoyaga, negó la denuncia del intendente de Pedro Juan Caballero, José Carlos Acevedo, de que diariamente ingresan camiones cargados de carne con salmonela rechazadas en Brasil y que en frigoríficos de esa ciudad cambian la etiqueta y la comercializan.

El intendente pedrojuanino habló ayer por radio ABC Cardinal del presunto ingreso de carne bovina en mal estado desde el Brasil para su comercialización en todo el país, dando a entender que de esa situación están enteradas autoridades del Senacsa (Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal), la Fiscalía, la Aduana y autoridades del Gobierno de esa zona del país.

“Son denuncias infundadas”, respondió ayer el titular del Senacsa, Hugo Idoyaga, al ser consultado por este diario. “Es improbable que eso ocurra”, afirmó al desmentir de forma tajante que eso pueda ocurrir.

Contó que escuchó los audios de la denuncia y que a partir de ahí hicieron investigaciones para constatar la veracidad o no de los hechos mencionados.

Idoyaga señaló que conversó telefónicamente en dos ocasiones anteriores con el intendente pedrojuanino, y que incluso reforzaron los controles en las plantas frigoríficas de la capital del Amambay. Pero, reiteró, se trata de una “denuncia infundada y falta totalmente a la verdad”, y no cree que ingrese al



país carne brasileña con salmonela y luego se comercialice. Se trata de una denuncia muy seria, “pero que ingrese carne con salmonela y se recomercialice en Paraguay es una falacia”, sostuvo.

El funcionario dijo también que confía en el personal de Senacsa que realiza su tarea en la capital del Amambay.

Podría dañar al país

Por otro lado, el titular de Senacsa resaltó que la denuncia hecha por el intendente Acevedo podría dañar la imagen de nuestro país, que está situado actualmente entre los principales países exportadores de carne bovina al mundo.

A su criterio, la denuncia del intendente de Pedro Juan tendría alguna motivación política a nivel local. “Esto proviene de una cuestión partidaria”, manifestó.

Indicó asimismo que los técnicos de Senacsa destacados en la zona no ha detectado nada. “Tenemos ocho a diez personales nuestros en la zona”, indicó.

Por otro lado, afirmó que los sectores público y privado están haciendo un esfuerzo para posicionar la carne paraguaya en los mejores mercados del mundo y que se ocurriese lo que dice la denuncia, sería como una alta traición a la patria.

Tres o cuatro camiones

El intendente de Pedro Juan Caballero, José Carlos Acevedo (PLRA), dijo ayer por ABC Cardinal que carne bovina en mal estado ingresan al país desde el Brasil para su comercialización. “Tres a cuatro camiones entran con carne podrida. Se le cambia la etiqueta y se vuelve a vender en Paraguay”, expresó Acevedo. Dijo también que a pesar de las denuncias realizadas ante los organismos correspondientes, nada se hizo hasta ahora.

Hay casos de rabia bovina

23 de agosto de 2017 AYOLAS, Dpto. de Misiones (Miguel Ángel Rodríguez, corresponsal). El encargado de la oficina del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), de Santiago, Misiones, Dr. Geraldo Villalba, informó que se detectaron casos de rabia bovina en un establecimiento de la compañía Boquerón de Ayolas. En la zona murieron 20 animales. El anuncio de la detección de la enfermedad, que ocasiona cambios en el comportamiento, locomoción y sensibilidad del animal, se hizo ayer en la sala de sesiones de la junta municipal de este distrito.

El veterinario alertó a todas las familias ribereñas para tomar medidas de prevención, pues el lunes 14 de agosto, el ganadero Juan Carlos Arregui se presentó en su oficina para comunicar de una mortandad de sus animales bovinos. Personal de Senacsa constataron luego en la hacienda “El Boyerito SA” que ya habían muerto más de 20 animales, y al día siguiente se encontró otro animal enfermo. Tomaron muestras que se enviaron al laboratorio central de la institución estatal, y ayer se confirmó el resultado positivo a la rabia bovina.

Villalba mencionó que en base a la situación que se presenta se pretende realizar vacunaciones masivas, desde Ayolas hasta Yabebyry, ya que se trata de una zona endémica por estar próxima al río Paraná, y la transmisión es por vía hematofago (mordedura de murciélagos que se pueden desplazar hasta 5 o 6 km a la redonda), según los informes.

Vacunación

“Le pedimos a todos los propietarios de animales bovinos, ya sean pequeños, medianos o grandes productores, que se sumen a la vacunación antirrábica de bovinos y equinos, para combatir la enfermedad, y desde mañana (por hoy), funcionarios del Centro Antirrábico Nacional estarán en Ayolas para la aplicación de la vacunación a animales domésticos. También serán inmunizadas personas que estaban en contacto con los animales muertos, que hasta el momento afecta a tres familias con elevado número de integrantes, cuyas identidades se mantienen en reserva”, dijo Villalba. En Ayolas existen más de 600 productores ganaderos.

UNIÓN EUROPEA

IRLANDA: reclaman medidas para sostener los precios de la hacienda bovina

21 August 2017 - IFA President Joe Healy said the Minister for Agriculture Michael Creed can no longer ignore the major cuts in cattle prices at the meat factories that have left beef farmers facing losses this year.

Mr Healy said cattle prices have been cut by more than €100 per head in the last month, eroding any chance of profit for farmers selling cattle over the peak autumn months.

He said Minister Creed and the Department of Agriculture have worked hard and made considerable progress on market access issues and he cannot allow the factories to undermine the value of this work with unjustified beef price cuts.



He said the Minister has to insist that there is competition in the trade and market returns are fairly passed back to farmers.

In addition, he must ensure that market access delivers real price gains and stability to farmers.

The IFA President said market demand for beef remains strong. He said cattle prices in our main export market in the UK are the equivalent of €4.42/kg including VAT, as reported by the ADHB and price increases in the UK market, have outpaced the changes to the Sterling exchange rate over the last two months.

Mr Healy said EU cattle prices are showing signs of improving which would be expected at this time of year as the schools prepare to return.

In addition, he said there is no overhang of stock as was the case from the EU dairy cow cull this time last year and the demand for manufacturing beef is very buoyant.

TheCattleSite News Desk

ESTADOS UNIDOS

Firmes valores de los trimmings

25 August 2017 US - Lean beef trimmings prices are proving to be impressively resilient in the midst of weakening values for other beef products, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Several factors are in play, currently. Favorable consumer demand for ground beef would seem to be the most obvious feature. On the supply side of the market, imports of beef from Australia during the most recent quarter were down 28 per cent from a year earlier and down 55 per cent from the Spring of 2015, forcing more of the demand for hamburgers to be filled by domestic lean beef production.

Imports from most other countries are up in order to capitalise on the higher beef trimmings prices. In June, beef imports from New Zealand were above a year earlier by 10 per cent, the first month an increase has been registered from this source in 2017.

Imports from Canada in June were up 20 per cent from the prior June and Mexico beef shipments to the US were up 30 per cent, year-over-year, in June. The increasing availability of beef from countries other than Australia is reducing US demand for Australian beef.

During January and February, prices for imported Australian lean beef on the US East Coast were premium to the fresh domestic 90 per cent lean beef price by 4-5 cents per pound. That premium fell back to 1-2 cents during the spring quarter and then moved to a discount in June.

The discount in Australian beef trim relative to domestic beef trim averaged 5 cents per pound in July. At some point in time, these price discounts should begin to limit additional gains in domestic lean beef values.

Another issue supporting lean beef values are inexpensive supplies of fat beef trimmings. In early May, 50 per cent lean beef trimming prices spiked up to \$2.00 per pound, but since then have fallen back to more normal values, and are now below the five year average for this time of year.

Least cost ground beef formulation optimising calculations using low priced fat beef trimmings result in rising prices that can be paid for the lean beef trimming component for making hamburger product.

Steer and heifer slaughter (the primary source of fat beef trimmings) during July and early August was up 5 per cent from a year ago. Even with the larger supply, prices were slightly higher than a year ago in July, which makes a favorable statement about demand for the product.

Cow and bull slaughter, the source of supply for lean beef trimmings, is up close to 10 per cent in July and August. The ability of lean beef trimmings prices to post the increases relative to a year ago given the larger supply is amazing from the point of view that demand for beef trimmings is very good this year or was very bad last year, or maybe a little of both.

Desafíos y oportunidades en el Mercado mundial de carnes bovinas

By Tim Petry, North Dakota State University Extension Livestock Economist August 23, 2017

International beef trade issues continue to be dynamic and are impacting cattle prices short and long term. The U.S. is a major producer of beef, pork, chicken and turkey in the world and also a major exporter of those commodities. The U.S. also is a major importer of beef.

International trade is increasing in importance to the U.S. beef sector. As new trade issues surface, cattle and beef prices, as well as the competing meats' prices, can be volatile.

An increasing number of issues, some controversial, seem to be surrounding the global beef market. Some provide challenges for beef exporting and importing countries but also may provide opportunities for countries such as the U.S.

The U.S. is the largest exporter of high-quality beef in the world and the leading exporter of beef on a value basis. The U.S. Department of Agriculture (USDA) has projected that the top four beef volume exporting countries in 2017 in order of importance will be India, Brazil, Australia and the U.S.



Also predicted is that the China/Hong Kong beef market will overtake the U.S. as the world's leading beef importer. Important issues with each of these other countries that could impact the U.S. cattle market.

India's ranking as the world's leading beef volume exporter is somewhat controversial in itself. "Beef" that is exported is mainly meat from water buffaloes, because cows are considered sacred to many people of Hindu faith. Nevertheless, meat from water buffaloes, also referred to as carabeef, is in direct competition with lower-quality, grass-fed beef from other countries such as Brazil and Australia.

Some packing plants in India are operated by Muslims, who have had issues with the Hindu-dominated federal government. In May, the Indian government imposed a ban on the sale of cattle and buffaloes at livestock markets for animals to be slaughtered.

In July, India's Supreme Court suspended the ban. Because buffalo meat exports are a lucrative market for India, many expected the ban to be lifted. But the potential prospects for a ban, at least temporarily, caused uncertainty and volatility in the world beef market.

Brazil, the second-leading beef volume exporter, has had its share of turmoil recently as well. A meat inspection bribery scandal involved several meat companies and temporarily reduced beef exports in early 2017.

JBS, with headquarters in Brazil and the world's largest meat company, has been rocked by a political bribery scandal and may be divesting some assets.

One asset for sale is Five Rivers Cattle Feeding, a wholly owned subsidiary of JBS and the largest cattle feeding entity in the world, with headquarters in Greeley, Colo. Five Rivers owns feedlots in Colorado, Kansas, Oklahoma, Texas, Arizona and Idaho. JBS already announced the pending sale of its 75,000-head feedlot in Alberta, Canada.

In late 2016, bilateral fresh and frozen beef trading between the U.S. and Brazil was approved by both countries. Relatively small amounts of lower-quality beef were imported into the U.S. from Brazil, and some high-quality beef has been shipped from the U.S. to Brazil.

JBS was a major player in these transactions. On June 22, the USDA announced that fresh and frozen beef imports from Brazil were suspended due to food safety concerns. China, a leading beef customer for Brazil, also announced that it was scrutinizing beef from Brazil more closely.

Australia, the third largest beef volume exporter, experienced a severe drought in a major cattle-producing region in 2014 and 2015. Forced herd reduction resulted in increased beef production and exports. A return to more normal rainfall allowed herd rebuilding to begin in 2016 and the lower beef production reduced exports. Interestingly, during the first four months in 2017, the U.S. surpassed Australia to temporarily become the third largest volume beef exporter.

Australia was the largest supplier of beef to the U.S. but has fallen to third place in 2017 behind Canada and New Zealand. Beef imports from Australia were off 39 percent in 2016 from the inflated levels of 2015, and that slower pace is continuing in 2017. The lower production and high beef prices also are causing a lower volume of exports to other countries.

The export market is becoming more and more important for cattle prices in the U.S. After a difficult beef export year in 2015, due to several factors, beef exports were up more than 12.5 percent in 2016 and are forecast by the USDA to be up another 9 percent in 2017. Exports were up about 15 percent the first half of 2017. That was one reason for the cattle price rally into May 2017.

U.S. exports were especially strong to the four major customers: Japan, Mexico, Canada and South Korea. Noteworthy is that the U.S. is in trade negotiations with Japan because the U.S. withdrew from the Trans-Pacific Partnership.

In early July, the European Union and Japan signed an Economic Partner Agreement, which gives favorable access for European beef to Japan. The U.S. also is discussing provisions of the North American Free Trade Agreement with Canada and Mexico. Maintaining the robust beef trade with those top beef customers, is important for the U.S.

The major hurdle to resuming U.S. beef exports to China was the political negotiating process. Now that an agreement is in place and beef is allowed to be exported, the size of the Chinese market will need to be determined by the marketplace.

The requirements that beef must be traceable to the birth farm using a unique identifier and not contain growth promotants, feed additives and other chemical compounds may restrict the amount of beef that is initially available for export to China. Longer term price premiums may provide the incentive for beef producers to raise cattle that meet those requirements.

Several of the issues discussed above have at least temporarily impacted cattle prices and particularly the futures market. At times, a "buy the rumor, sell the fact" mentality has caused price volatility that may have been frustrating for cattle producers. With the instant access to worldwide information that is so readily available, expect price volatility to continue as the dynamics of the global beef market continue to evolve.

VARIOS



CHINA: demanda de carnes bovinas se abastece gracias a las importaciones

By Reuters August 24, 2017 | China, the world's top meat market, is loosening longstanding restrictions on beef imports from major suppliers to feed the appetite of the country's growing middle class for steaks and ribs.

Over the past few decades, Beijing banned imports of beef from European countries and the United States during outbreaks of mad cow disease.

Worries about the disease are subsiding following more stringent inspections on foreign arrivals, while Chinese people are seeking healthier sources of protein and adopting more Western eating habits.

Beef is now the fastest-growing meat in China, outstripping stagnant demand for more widely eaten pork as consumers look to reduce fat in their diets.

But supplies are unlikely to keep up with demand given the high cost of raising cattle in China, prompting the government to rethink its import restrictions.

After years of lobbying, the United States succeeded in getting the curbs lifted in June, ending a 14-year ban triggered by a case of mad-cow disease in Washington state.

China also gave the greenlight for beef from South Africa and Ireland earlier this year, and on Tuesday said it is considering bringing in beef from Namibia.

China's beef purchases have soared in recent years, eclipsing Europe, South Korea and Japan since 2012.

Last year, it became the world's second-largest importer of beef after the United States, bringing in more than 800,000 tons worth \$2.6 billion. That compares with just 6,000 tons in 2006.

"Domestic supplies cannot catch up with the rising demand. There is not enough premium beef, either. And there are some food safety concerns in China," said Pan Chengjun, executive director of food and agriculture research at Rabobank in Hong Kong.

It's a victory for cattle ranchers locked out of the world's top market, but the increased competition from opening up the market may unsettle current top suppliers, Australia, Brazil and Argentina.

The latest steps come as Beijing aims to tighten imports of other commodities, sugar and broiler chicken, in a bid to boost the domestic industry.

China's beef and veal consumption has risen more than 10 percent over the past five years, while consumption of chicken and pork has actually declined in recent years.

Beef demand is expected to rise past 8 million tons this year, according to estimates by the U.S. Department of Agriculture, but domestic production is not rising at the same pace, hovering around 7 million tons.

Zhang Jianjun, purchasing manager with Sino-Australia Top Beef (Beijing) Co Ltd, a company that mainly imports beef from Australia, expected demand to rise by 10-15 percent in the next few years.

"In the meantime, it is getting more expensive to raise cattle," he said.

Cattle take longer to mature and farming requires large amounts of land, but China's rapid urbanization over the past decade has reduced the availability of quality grassland.

Even for companies that turn to intensive farming, which can attract government subsidies, beef production remains expensive and domestic beef retails at well above international levels.

The average beef price in China is currently around 54 yuan (\$8.11) per kg, more than twice the price of U.S. beef.

"The potential demand for beef is huge here in China ... if foreign beef comes to China at current prices, demand will grow a lot," said Pan.

JAPON: importaciones récords llevaron a la aplicación de la cláusula de salvaguardia

21 August 2017 - Japan's newly imposed emergency tariff on frozen American beef has raised a question about the wisdom of hanging on to a relic of a bygone trade framework when securing enough beef to meet domestic demand could become a challenge amid the tightening global supply.

According to Nikkei Asian Review, Japanese imports of US beef abruptly skyrocketed around mid-May.

The safeguard tariff was triggered as food companies such as beef-bowl chain operators made big purchases of frozen American beef, a government source with knowledge of the situation said.

Stubbornly high Australian beef prices, stemming from a drought, played a role. But China was the main factor.

Newfound rivals

Beijing announced plans on 11 May to resume imports of US beef for the first time in 14 years, ending a ban imposed in response to an outbreak of mad cow disease. It was the first big success to come out of an agreement at a US-China summit in early April that paved the way for the start of a bilateral economic dialogue and the execution of a 100-day action plan for correcting trade imbalances.

Fearing that a rush of Chinese buying would send prices soaring, Japanese companies scrambled to get their hands on American beef first. This boosted imports of frozen US beef by 20 per cent on the year in



the April-June quarter, breaching the 17 per cent threshold at which the safeguard mechanism automatically kicks in.

The duty was raised from 38.5 per cent to 50 per cent on 1 August and will remain in effect until the end of March. The change already has affected prices for some products.

In the Uruguay Round of talks on the General Agreement on Tariffs and Trade in the 1990s, Japan agreed to reduce its beef duty in exchange for the ability to hike the levy as an emergency measure to rein in sudden import surges.

But more than two decades later, new risks present themselves. Japanese food companies worry that even if they want to import American beef, they could lose out to Chinese rivals able to offer higher prices.

TheCattleSite News Desk

COLOMBIA informó que finalizó con la aftosa

21/08/2017 - El Instituto Colombiano Agropecuario (ICA) informó que los casos activos de fiebre aftosa que se presentaron en Tame, Arauca, Yacopí y Tibacuy en Cundinamarca y en una zona rural de Cúcuta a 300 metros de la frontera con Venezuela, están concluidos.

A su vez confirmó la terminación del sacrificio sanitario de 3.325 animales en todas las zonas en donde apareció la enfermedad, quedando eliminadas las fuentes de infección y disminuyendo en un alto porcentaje el riesgo de transmisión efectiva de la enfermedad.

“Se sacrificaron y se enterraron todos los animales que presentaron la enfermedad y los que por cercanía podrían estar contagiados. En estos momentos, podemos decir que hemos concluido los casos de aftosa que aparecieron en el país por cuenta del contrabando”, señaló el ministro de Agricultura, Aurelio Iragorri Valencia.

Según el informe del ICA, en el municipio de Tame (Arauca) se sacrificaron 297 bovinos de los predios que estaban en el área focal; en Tibacuy: 163 cabezas; en Cúcuta, que está dentro de la zona de protección, se eliminaron 330 animales y en Yacopí (Cundinamarca) fueron 2.459 bovinos, 27 porcinos y 49 caprinos, según datos oficiales. El ministro explicó que se aplicaron los protocolos de la Organización Mundial de Sanidad Animal .

CHILE sigue perdiendo producción cárnica frente a la subida de las importaciones

23/08/2017 La Odepa chilena ha dado a conocer las cifras de la evolución en la producción cárnica de Chile durante los 5 primeros meses de año. En este periodo de tiempo el país ha perdido un 8,2% de producción de carne de vacuno hasta las 84.396 t. Esto se debe fundamentalmente a un menor sacrificio de novillos (-51%), vacas (-22%) y vaquillas (-18%). En este escenario productivo continúa influyendo la disminución en la faena de hembras.

En la categoría de porcino la producción chilena también se ha reducido, un 6% menos, hasta apenas superar las 200.000 t. En aves, la producción también ha caído en un 8,3% hasta las 279.435 t.

La evolución de las exportaciones chilenas durante el primer semestre del año tan solo tiene buenas cifras en el caso de las ventas de carne de cerdo. Estas han sumado 64.864 t, un 6,6% más mientras que las de vacuno apenas si suman 3.862 t, un 5,3% menos, y las de ave se han reducido drásticamente (-27,3%, 44.626 t).

Frente a todo esto el país sudamericano ha incrementado sus importaciones cárnicas: las de vacuno han crecido en un 15% hasta las 93.057 t, destacando una subida del 22% en la carne congelada de este tipo. Las compras de carne de cerdo crecieron en un 57,3% hasta las 32.634 t mientras que las de ave se han reducido en un 7,4% hasta las 68.253 t.

NUEVA ZELANDA: informa casos de micoplasmosis bovina

By Reuters August 23, 2017 The Ministry for Primary Industries said on Wednesday that it strongly suspects a third farm in the South Island has been infected with a bacterial cattle disease that can have a serious effect on animal health.

Two farms in the Van Leeuwen Dairy Group tested positive in July for the *Mycoplasma bovis*, which is spread by close contact between animals and does not pose a food safety risk or any risk to humans.

Some animals in a third farm, with a direct connection to one of the infected farms, have tested positive for the disease but further tests are still under way, the ministry said in a statement.

"The disease is being well contained on the known properties and we are confident our control measures are sufficient to contain it there," Geoff Gwyn, the director of response at the ministry said.

Mycoplasma bovis is common in many countries and can lead to conditions such as udder infection, pneumonia and arthritis in affected cattle.

Gwyn said the latest affected farm has been put under restrictions and no animals had left the property since July 20.



"However it is understood that before this, some animals were moved to a number of other farms. MPI (the ministry) is contacting those properties and is testing animals with urgency."

The third farm affected had received some animals from one of the Van Leeuwen Dairy Group farms, a large scale dairy business, before the disease was detected in the country, he said.

News in July of the country's first confirmed cases briefly knocked the New Zealand dollar given the importance of the cattle industry for the economy.

CANADÁ: ligero incremento en el rodeo bovino

By Wyatt Bechtel August 25, 2017 Canadians are adding more cattle to their herd, but the U.S. still has 10-times as many cattle.

The Canadian cattle herd is up just 100,000 head compared to last year.

According to the U.S. Department of Agriculture, Canada's total cattle herd count reached 13 million head on July 1, 2017. The same time last year Canada's total herd count was 12.9 million.

Beef cows and heifers that have calved account for 3.8 million head after their numbers increased 1%.

Dairy cows and first calf heifers saw a similar increase and now total 945,000 head.

Beef cow replacement heifers were up 1%, too. There were 673,200 beef replacement heifers held back in 2017.

Canada saw an increase of 1% in steers with 1.6 million accounted for on July 1.

The U.S. has almost 10-times as many cattle as Canada with 103 million head accounted for during the mid-year inventory. The beef cow herd in the U.S. is at 32.5 million head, compared to just 3.8 million head in Canada.

EMPRESARIAS

J&F cerró un acuerdo con una multa de R\$ 10 mil millones

25/08/17 - por Equipe BeefPoint A 5ª Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal homologou nesta quinta-feira (24) o acordo de leniência firmado entre a Procuradoria da República no Distrito Federal e a J&F, holding que controla a empresa JBS. O colegiado ainda determinou o fim do sigilo do acordo.

Com a homologação, começam a contar os prazos estabelecidos para o cumprimento das obrigações assumidas pelos irmãos Batista.

A negociação assegura o fim das investigações da Polícia Federal (PF) e do MPF contra as empresas do grupo J&F nas operações Greenfield, Sepsis, Cui Bono, Bullish e Carne Fraca.

O acordo de leniência, firmado em 5 de junho passado, prevê o pagamento de uma multa de R\$ 10,3 bilhões, que poderá ser parcelada ao longo dos próximos 25 anos. Como o valor deve ser corrigido ao longo desse período, a soma final pode passar de 20 bilhões de reais.

Trata-se do maior valor da história mundial em acordos de leniência, uma espécie de delação premiada para empresas. O recorde anterior era do grupo Odebrecht, que em novembro concordou em pagar 2,5 bilhões de dólares (6,8 bilhões de reais).

Do total a ser pago pela J&F, cerca de 2,3 bilhões de reais serão repassados para projetos sociais, segundo informou o MPF em maio, quando o valor foi negociado.

O restante, 8 bilhões, será destinado a entidades e órgãos públicos prejudicados pelos atos criminosos praticados por empresas ligadas à J&F. São eles: Fundação dos Economistas Federais (Funcfe) (25%), Fundação Petrobras de Seguridade Social (Petros) (25%), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) (25%), União (12,5%), Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) (6,25 %) e Caixa Econômica Federal (6,25%).

Os 10,3 bilhões de reais representam 5,62% do faturamento bruto registrado pelas empresas da J&F em 2016. Segundo o MPF, o percentual de multa equivale à média verificada em outros quatro acordos firmados durante a Operação Lava Jato.

A proposta original do MPF previa que as multas poderiam passar de 30 bilhões de reais, mas a Lei Anticorrupção, aprovada em 2013, permite desconto máximo de até dois terços em caso de colaboração. Em 2016, o faturamento das empresas da J&F alcançou 183,2 bilhões de reais.

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

McDonald's anunció compras de carnes desde Amazonia

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 23/08/17 - por Equipe BeefPoint

A Arcos Dorados, maior franqueadora da rede de fast food McDonald's no mundo, anunciou na quarta-feira (17) o início de aquisição de carne produzida em áreas de pecuária considerada como sustentável no bioma amazônico, revendo a política da companhia que a impedia de ter fornecedores na região.



A companhia, que tem 884 lojas McDonald's no Brasil, informou que o projeto começa com a aquisição neste ano de 250 toneladas de carne vinda de Alta Floresta, no norte do Mato Grosso, onde 23 fazendas estão cadastradas no Programa Novo Campo.

O programa, implementado pela empresa Pecuária Sustentável da Amazônia (Pecsa), tem parceria da JBS, maior processadora de carne do mundo e fornecedora das lojas da Arcos Dorados no Brasil.

A companhia compra por ano 30 mil toneladas de carne bovina no Brasil, disse o diretor de sustentabilidade da Arcos Dorados, Leonardo Lima. Segundo ele, a intenção é elevar o volume de compras de áreas que praticam pecuária sustentável no Brasil, atingindo 100% nos próximos anos.

“No próximo ano, o número de 250 (toneladas) vai ser maior. Queremos evitar pressões aos fornecedores. Mas claramente vai ser disponibilizado mais carne de pecuária sustentável”, afirmou.

Segundo Lima, o Brasil é o segundo país na rede global do McDonald's, depois do Canadá, a implementar o plano de compra de carne de pecuária sustentável.

Ele comentou que a aquisição das 250 toneladas não implica em custos maiores à Arcos Dorados e que os investimentos dos pecuaristas envolvidos no projeto vão se pagar com o aumento da produtividade e eficiência na gestão de suas propriedades.

Porém a empresa ainda está trabalhando como fazer a mensagem chegar ao consumidor, já que a carne comprada do projeto, por exemplo, não vai ser diferenciada nas embalagens dos produtos do McDonald's no país.

Frigoríficos brasileiros con alto nivel de endeudamiento

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 21/08/17 - por Equipe BeefPoint

Nos maiores frigoríficos do país, a ordem é desalavancar. A safra de balanços concluída na última semana mostrou que JBS, BRF, Marfrig e Minerva – todas listadas na B3 – apresentaram índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda nos últimos doze meses) superior a quatro vezes, nível elevado para um negócio de commodities.

Para levar o endividamento a patamares mais confortáveis, os frigoríficos terão – com exceção da Minerva – de recorrer a vendas de ativos ou de participações em controladas.

Em meio às turbulências após a delação de seus controladores, a JBS deflagrou o plano mais agressivo do setor para reduzir o endividamento. Em julho, a empresa embolsou cerca de R\$ 1 bilhão pela venda dos ativos no Mercosul à Minerva.

Além disso, a JBS pretende obter R\$ 6 bilhões com a venda de ativos. Aos poucos, o plano está evoluindo, e a companhia já acertou a venda de sua participação na Vigor, por R\$ 780 milhões, à mexicana Lala. A expectativa é que a venda da Moy Park, que pode render 1 bilhão de libras (o equivalente a R\$ 4 bilhões), tenha um desfecho até o fim de setembro.

A JBS também é beneficiada pelo momento favorável dos negócios nos EUA, que devem reportar margem recorde no terceiro trimestre, contribuindo para a geração de caixa e a redução do endividamento. Também por isso, a empresa espera reduzir a alavancagem para 3,5 vezes já neste ano, e não só em 2018, como foi acordado com os bancos.

Afora isso, a JBS também conta com a melhora da Seara, que sofreu com a disparada do milho em 2016, o que teve reflexo sobre o Ebitda e, conseqüentemente, sobre a alavancagem. Líder em carne de frango, a BRF também deverá se beneficiar da queda dos preços do cereal no país.

Na Marfrig, a redução da alavancagem deve vir com os recursos do IPO da subsidiária americana Keystone nos EUA. A intenção da Marfrig, que quer atingir uma alavancagem de 2,5 vezes até o fim de 2018, é fazer o IPO ainda neste ano, ressaltou Eduardo Miron, vice-presidente de finanças e relações com investidores da empresa. Para o BTG Pactual, o IPO da Keystone é “mandatório” para a redução da alavancagem da Marfrig.

Entre os frigoríficos, a Minerva é a única que não está vendendo ativos ou participações. A empresa aposta na força dos ativos para gerar caixa, e nas sinergias que serão obtidas nos frigoríficos comprados da JBS.

O diretor de finanças da Minerva, Edison Ticle, afirmou que as estimativas iniciais de sinergias feitas pela empresa foram “bem conservadoras”. Ele não estipula metas, mas analistas apontam que a Minerva pode atingir uma alavancagem de 3 vezes ao longo do próximo ano.

Cargill invierte en la producción de carnes alternativas

By Greg Henderson August 23, 2017 Memphis Meats Inc., a San Leandro, Calif.-based startup developing technology to grow meat from self-reproducing animal cells, raised \$17 in funding Wednesday from investors that included Cargill, Inc., Microsoft co-founder Bill Gates, entrepreneur Richard Branson and venture-capital firms Draper Fisher Jurvetson and Atomico.

Cargill's investment is the first by a traditional meat company in to the 'clean meat' sector, where startups claim to create products better for the environment than those produced on farms and ranches.



Memphis uses cell-culture technology to grow meat from living animal tissue in stainless-steel cultivator tanks.

This is another way to harvest meat,” Sonya Roberts, head of growth ventures in the meat division at Cargill, told The Wall Street Journal. “For people who want a product from an animal welfare perspective, we want this to be there for them.”

Commercial production of such meat remains years away, and the process still needs to be approved by the U.S. Food and Drug Administration and USDA. It also remains to be seen if consumers would accept such products.

“Meat demand is growing rapidly around the world. We want the world to keep eating what it loves,” Uma Valeti, co-founder and CEO of Memphis Meats, said in a statement. “However, the way conventional meat is produced today creates challenges for the environment, animal welfare and human health.”

Tyson Foods Inc., the largest U.S. meat producer, has created a venture capital fund focused on investing in companies “to sustainably feed” the world’s growing population and in December announced a stake in plant-based protein producer Beyond Meat, which also counts Gates among its early funders.